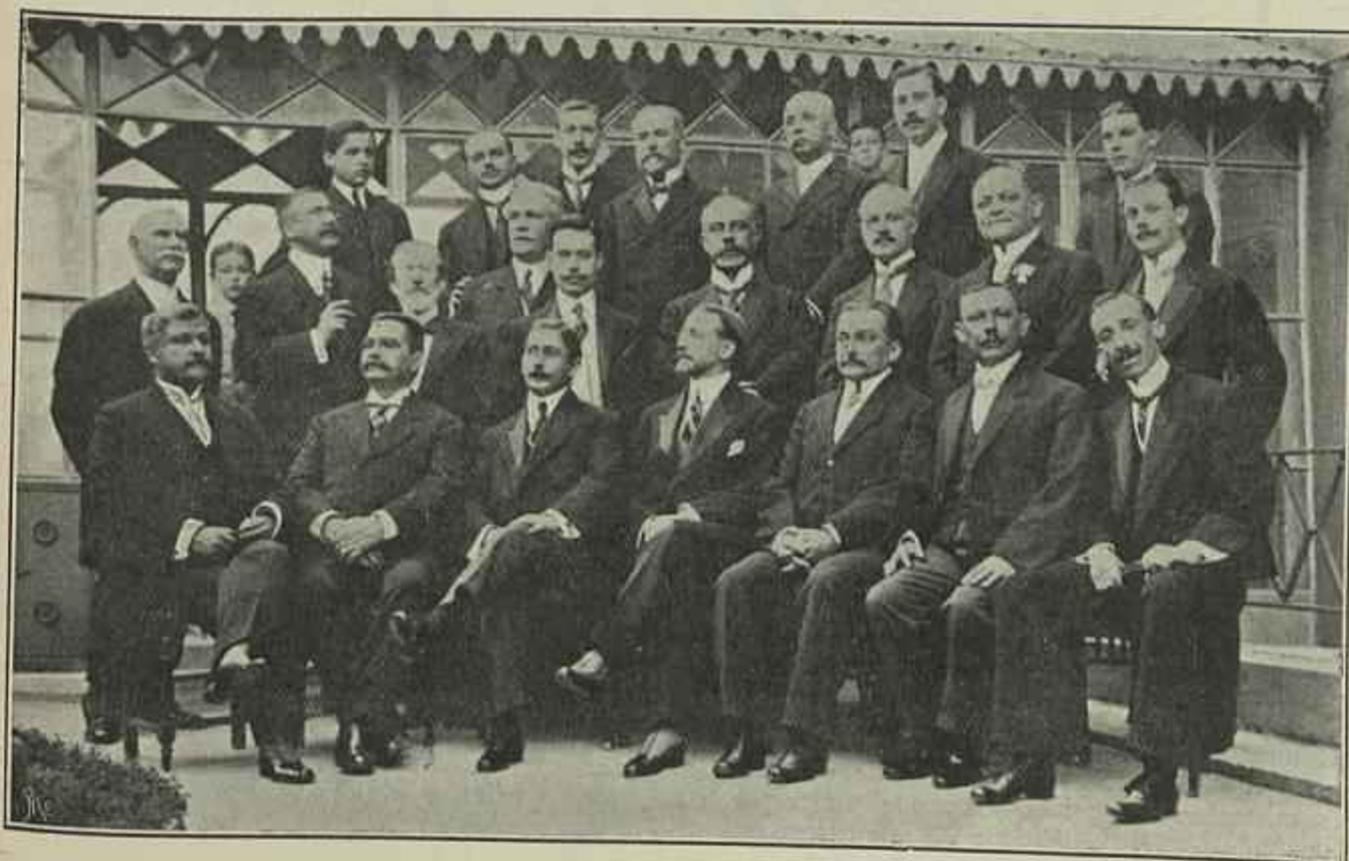


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO  
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

| Preços de assignatura                  | Anno<br>36 n.º | Semest.<br>18 n.º | Trim.<br>6 n.º | N.º<br>à<br>entrega | 36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1245 | Redacção — Atelier de gravura — Administração<br>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,<br>Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial<br>Praça dos Restauradores, 27 |
|--|----------------|-------------------|----------------|---------------------|-------------------------------------|---|
| Portugal (franco de porte) m. forte... | 3800           | 1900              | 950            | 120                 | <b>30 de Julho de 1913</b>          | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.                                       |
| Possessões ultramarinas (idem) .....   | 4000           | 2000              | 1000           | 120                 |                                     |   |
| Estrangeiro e India.....               | 5000           | 2500              | 1250           | 120                 |                                     |   |

Na recepção feita, no Club Brasileiro, ao Sr. Dr. Oscar de Tefé, ministro do Brasil, em Lisboa



*Primeiro plano ao centro:* Ministra do Brasil, Sr.ª D. Mercedes de Tefé, tendo à direita, as senhoras Belford Ramos, Souto Maior, Correia Leite, e à esquerda, meninas Teixeira de Macedo, d'Artagnão, Bancelar, Pereira Machado, Souto Maior e Souto Maior. *Segundo plano:* além da Sr.ª Nogueira Pinto, esposa do presidente do Club Brasileiro vêm-se as meninas d'Alvelos, Moreira Rato, Pereira Machado, Maximino Mota e mais meninas da colonia brasileira

*Primeiro plano ao centro:* Ministro do Brasil, sr. dr. Oscar de Tefé tendo à direita o sr. dr. Correia Leite, presidente da Sociedade Beneficencia Brasileira, e à esquerda, o sr. Manuel José Cardoso, tesoureiro da dita sociedade, e do Club Brasileiro. *Segundo plano ao centro:* Sr. José Nogueira Pinto, presidente do Club Brasileiro, tendo à direita os srs. dr. Veloso Rebelo, 1.º secretario da Legação do Brasil, dr. Teixeira de Macedo, consul geral do Brasil e dr. Mario Artagnão, escritor, e à esquerda, srs. dr. Belford Ramos, 2.º secretario da Legação do Brasil, Henrique de Holanda, escritor e funcionario do consulado geral do Brasil e Diogo Teixeira de Macedo, filho do consul geral do Brasil. *No ultimo plano:* Vêm-se entre outros membros proeminentes da colonia brasileira, os srs. Joaquim Souto Maior, Juca Santos e Visconde de Alvelos.

## CRONICA OCCIDENTAL

O astro altivo mergulhou no poente:  
Parou de tofo o coração valente,  
Heroico e generoso coração;  
Pendula de oiro que em tão curta idade  
Só marcava minutos de bondade  
E horas de inspiração!

CONDE DE MONSARAZ.

Ha dias faleceu o illustre poeta — Conde de Monsaraz. Uma doença pertinaz e inclemente prostrou, sem remedio, um dos espiritos mais delicados e primorosos que se distinguiram entre a geração literaria que passou. Nós, que muito afastados vamos já da epoca que ele esmalto de graça e talento, não podemos deixar de nos curvar submissamente, reverentes de admiração e respeito, ante a procissão de cirios e de lagrimas, do seu feretro sombrio.

Estão de luto as letras portuguezas — dizem.

Não ha duvida. Mas a literatura portugueza, se perdeu enormemente com o seu passamento, guarda avaramente as obras que o glorioso poeta lhe legou. Tão consoladamente não podem falar os seus amigos — que eram numerosissimos. Para esses, a falta não pode ser preenchida. Onde encontrar um outro coração, assim, generoso e franco?... Onde encontrar um outro espirito, assim, brilhante, benevolo e amplo?... Entre a nova geração literaria, indubitavelmente, muitos e muitos lhe devem conselho e estimulo, incitamento e protecção. Entre a geração literaria de hontem, quantos e quantos lhe não puderam pagar, por melhor e mais indefessa vontade, auxilios, amizade e uma lealdade que nunca se desmentiu?...

As obras ficam. O espirito anima-as. E' certo.

Quem quizer comunicar com esse glorioso espirito, basta que, folheando, põha dedos nervosos de evocação sobre as paginas dos seus livros. Mas com o Conde de Monsaraz, dá-se uma condição de que outras, muitas e altissimas intelligencias, nem de leve, se poderiam vangloriar. Tem-se dito e é incontestavelmente verdadeiro: o Conde de Monsaraz não conheceu um inimigo. A quem delle se aproximasse, aquele bondosissimo coração sempre sabia dispensar afeto e generosidade.

A lhaneza do trato, a fidalguia do porte, a delicadeza da convivencia, o brilho da palavra, a desprevenida simplicidade da sua expressão, a todos maravilhavam e cativavam. Depois de com ele se ter falado, uma curiosidade mais amiga se apoderava de nós e nos impelia suavemente a repetir com mais carinho e entendimento a leitura das suas mimosissimas e singelissimas poesias.

A sua personalidade erguia-se sempre, una, inteiriça, antiga, sem quebra, nem doblés.

Quem o via, na sua estatura galharda e esbelta, encarava-o, frente a frente, na sua alma compassiva, compreensiva, insinuativa.

O seu espirito exalava-se do seu corpo, coherentemente, harmonicamente, como halo de astro. Quem teve a honra e a felicidade de entrar no circulo da sua familiaridade, compreendeu nitidamente como a sua poesia quente, fina, equilibrada, era a projecção gloriosa da sua vida, fremente de estos e comtudo sempre dominada por um ideal são de esteta grego.

O seu gesto nunca se quebrou numa

beleza de alma que lhe reveste o corpo de patricia. E' a preocupação do *improper* no grande mundo da Arte.

Por isso — compreende-se — a publicação das suas excelentes obras não provocou escandalo, nem arrôtos satisfeitos, á critica microcefalica dos cafés. A sua poesia — decerto na primeira fase — é por assim dizer musica de camara.

Os primeiros versos, publicados algures, que lhe conhecemos e desde logo nos chamou e enlevou a atenção nesta elegantissima figura literaria do nosso paiz, eram ainda embuidos de febre romantica, aneios de impossivel, enlevos de longinquo, mas já orientados num ritmo limpido e amplo, suavizados por um ritornelo de sonho mais elevado, sem rebuscos de exotismos, nem banalidade de cadencias.

Desde a CATHARINA DE ATHAYDE até á MUSA ALEMTEJANA que longo caminho transposto! O espirito do poeta, que sempre olhara com indiferença as azas de emprestimo do Icaro romantico, humanisou-se divinamente e alargou derredor de si olhares carinhosos e largamente compreensivos. A sua caracteristica bondade revela-se então em toda a sua magnifica pujança. A sua alma exuberante transbordou-se na paisagem da sua terra — tão querida, tão amada, que, bem longe dela, era a ela que procurava nostalgicamente das distancias da estranja por onde vagueou passos somnambulos, na procura desesperada de lenitivos para males do corpo e alma; — tão amada, tão querida que, bem longe dela, só pensou em regressar ao seu seio maternal, que o embalasse e acalentasse no ultimo somno.

O Conde de Monsaraz tinha veementissimo o amôr da sua patria e da sua região. Exaltava-o o culto da familia e da amizade.

O seu ultimo livro — A MUSA ALEMTEJANA — é um fervoroso e glorioso himno á paisagem da sua bem-amada região cujas belezas e motivos sentimentais ele

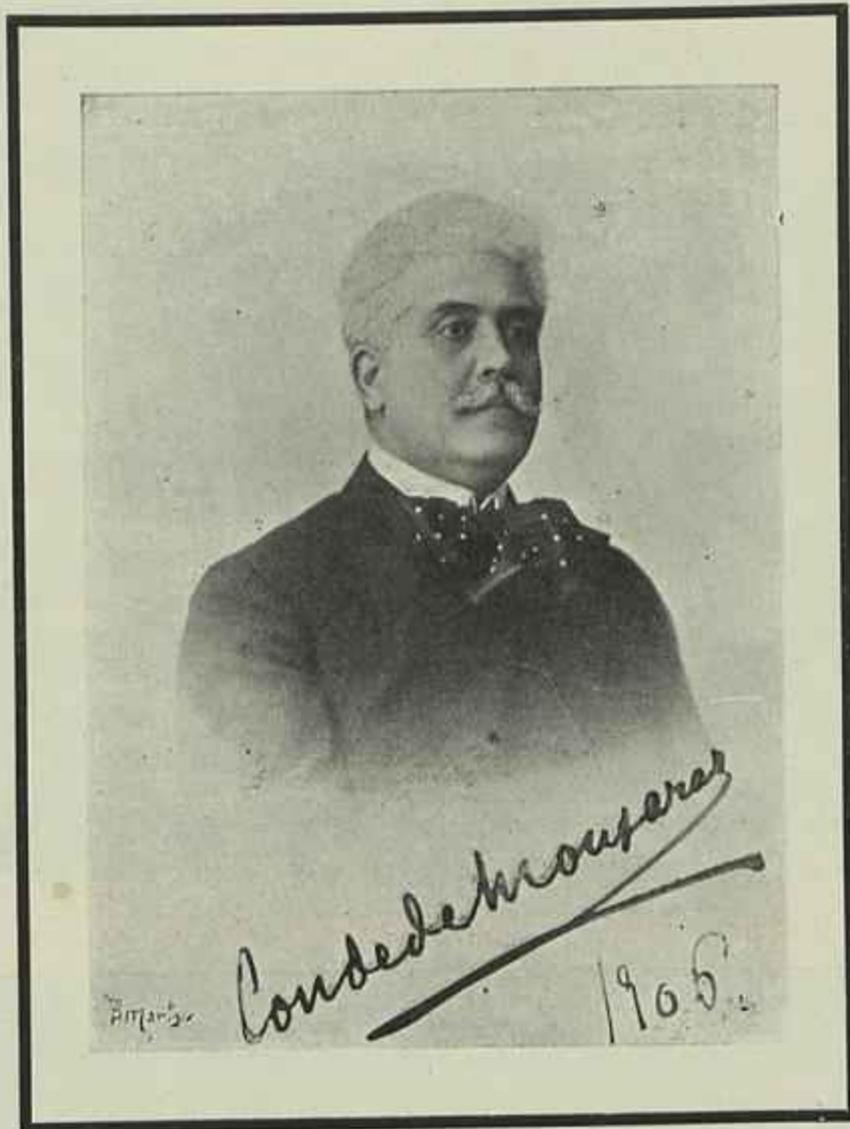
conhecia como raros.

A SANTA CRUZ, OS CIGANOS, AS MONDADEIRAS, AS CEGONHAS, são preciosidades liricas que o tempo não desmerecerá.

As facetas do glorioso espirito que ora se finou, são numerosas e de primeiro brilho. Encaral-o em todos os seus aspectos e expressões — seria tarefa altamente compensadora de que não podemos desempenhar-nos.

Contentamo-nos com deixar aqui expresso, nestas linhas fugidias, um pouco de altissima simpatia e rendido respeito que sempre sentimos pelas santas qualidades que o aureolavam e distinguiram entre os vivos.

A sua carreira literaria foi ovante; triunfos e glorias surpreenderam-lhe os minimos passos. Dizem — a sua inteli-



CONDE DE MONSARAZ

linha desharmonica. Ainda nos arrebatamentos de alma romanesca, a sua musa conserva uma atitude sabia, composta, irreprehensivel.

O Conde de Monsaraz era um parnasiano, na genuina e pura acepção da palavra.

A sua obra poetica vai através de ambientes diversos, transfigurando-se de matizes varios e ganhando intuitos e motivos de arte novos; mas a expressão, amoldando-se na directriz da imaginativa e tonalisando-se na gradação lenta das côres diferentes, jamais abandona a indole primitiva, é sempre solitaria e distante — como senhora gentil, cuidosa da linha estetica, que, adaptando-se aos caprichos da moda, nunca perde a responsabilidade da sua beleza intima — dessa

gencia curiosissima deixou por momentos embrenhar-se na esfera de influencias da malfadada politica portugueza; mas a sua passagem foi rapida, e dela só tirou a vantagem de a conhecer melhor e de a evitar sempre.

Crêmos — no percurso sereno e vitorioso da sua vida, bôcas damninhas não faltaram que emprendessem conspurcal-o com os seus esguichos de veneno e pús. Empresa vã!

Os esguichos empoçaram cêrca impotentes.

A estatura do grande homem-de-lêtras erguia-se demasiado alta para a poderem atingir.

Nem estas pequeninas miserias da vida, devem ser recordadas, agora, que Ele repousa no recolhimento religioso e eterno da Morte.

Silencio!

ANTONIO COBEIRA.



### AD PETENDAM PLUVIAM

Tlão! Tlão! Tlão! Tlão!  
Vae pelos campos  
A procissão.  
Que Deus mande agua  
Por compaixão:  
Desmaia a vinha!  
Mirra-se o pão!  
E a terra é sêcca  
Como um carvão!

O povo leva  
Com devoção  
Nossa Senhora  
Da Conceição,  
De monte em monte,  
Por onde estão  
Velhos de rastos,  
Olhos no chão,  
E as mãos cruzadas  
Em oração.

Choros e rezas  
Foi tudo em vão;  
Nossa Senhora  
Quiz procissão!  
Ella tem tudo  
Na sua mão;  
E' quem mais manda  
No céu christão;  
Vamos ter chuvas  
Até mais não...  
Não acreditam?  
Verão, verão!

Dobram os sinos  
Tlão! Tlão! Tlão! Tlão!  
Foguetes, bombas,  
Que reinação!  
Padres de estola  
Mascando vão  
Latim na solfa  
Do cantochão,  
E o incenso, em nuvens,  
Pela amplidão,  
Cheira que é uma  
Consolação!

O padre Vasco  
Prégou sermão  
Contra a notoria  
Devassidão;  
Calor na egreja,

Muito apertão,  
Desmaios gritos,  
Ai, que afflicção!  
Se isto é castigo,  
Se é maldição,  
Deus nos acuda,  
Perdão, perdão!

Por entre as cearas  
A multidão  
Vae murmurando:  
«Perdão, perdão!»  
E o prior velho  
Levanta a mão,  
E agita o hissope  
Da remissão  
Com agua benta  
Cuja aspensão  
Orvalha o trigo  
Mais o feijão.

E a Virgem Santa  
Da Conceição,  
Manto de seda,  
Brincos, grilhão,  
Anneis de pedras  
De estimação,  
Laços e flôres  
Em profusão,  
Já vae sorrindo  
Com tal unção,  
Com tanta graça,  
Tanta expressão,  
Que todos crêem  
Sem distincção,  
Que vão ter agua,  
Que vão ter pão!

CONDE DE MONSARAZ.



### PELO MUNDO FÓRA

O arrojado aviador *Bider*, que se notabilizou na travessia dos *Pyreneus* e do *Guadarrama*, tentou com grande exito a travessia dos *Alpes berneses*, passando da vertente suissa á vertente italiana. Voou por cima do *Jungfrau*, a 4:166 metros, indo aterrar em *Domodessola*. Fez o trajecto de Berne a *Domodessola* em 4 horas e 34 minutos.

A realisação d'este vôo maravilhoso de *Bider* coincidiu com a inauguração da linha internacional de *Loetschberg*, a qual constitue o feliz coroamento de uma das mais ousadas empresas dos tempos modernos. Com o tunnel de *Simplon* creou-se a necessidade de abrir os *Alpes berneses*, afim de se estabelecer o accesso directo da rêde dos caminhos de ferro do noroeste europeu ao desfiladeiro principal das planicies do *Po*. Esta nova via ferrea é o complemento necessario e logico do caminho de ferro do *Simplon*, o qual assegura a incontestavel primazia do commercio internacional entre o N. e o S. da Europa. A extensão da nova linha attinge 70 hilometros, comprehendendo 15 kilometros de tunnel.

Este caminho de ferro de *Loetschberg* liga as bellas vivendas do *Valle do Rodano* com as não menos frequentadas do *Oberlando bernese*.

Um grande vôo de Paris a Berlim, realisou-o *Letort* em apparelho *Morane-Saulnier*, percorrendo 900 kilometros sem parar uma só vez, o que é um prodigio,

batendo, assim, o *record* de 825 kilometros, ganho por *Gilbert*, em 24 de abril ultimo, de *Paris a Vittoria*.

Está em projecto uma viagem em automovel do Cabo ao Cairo, ou seja o modesto percurso de 12:000 kilometros! Essa passeata, atravez o continente negro levará um anno e será feita por seis destemidos exploradores inglêses, commandados pelo capitão *Kelsey*. O vigoroso corcel metallico de 25 H. P. é feito expressamente para este fim, podendo atravessar rios com 1<sup>m</sup>,5 de fundo. A *carrosserie* metallica forma uma verdadeira concha marinha, que pode transportar 3:000 kilogrammas, incluindo o proprio *chassis*. A empreza é extremamente difficil, pois que estão ainda por explorar muitos pontos da *Africa do Sul* e da *Uganda*.

O rei *Jorge V* da Inglaterra examinou o automovel, que se chama *Luisa d'Argyll*, nome que lhe poz sua alteza real a princesa *Luisa*, duquesa de *Argyll*.

A imprensa de Londres e a de Paris tem falado largamente do roubo mysterioso de um collar de 61 perolas do mais rico oriente, avaliado em 135:000 libras, e que desapareceu durante o curto trajecto entre aquellas duas capitães. O sr. *Henrique Solomons*, joalheiro de Paris, expediu o collar para Londres, ao sr. *Max Mayer*, depois de previamente ter feito o seguro na *Lloyd*. O destinatario, ao abrir a caixa, no correio, viu... oh! surpresa das surpresas! que as inconfundiveis e famosas perolas estavam transformadas em... assucar! E era de fabricação franceza, o que logo se reconheceu pela forma dos pedaços, cujo pezo equalava o das perolas, 835 grammas. A companhia *Lloyd* offereceu logo o premio de 50:000 libras a quem descobrir o auctor da façanha, e tratou de exigir um augmento de 30 % sobre a taxa dos premios de seguros de remessas postaes com objectos preciosos.

A policia de *Scotland Yard* desenvolveu uma actividade digna de nota, mas o caso vae-se tornando complicado e digno da interferencia d'um *Sherlock Holmes*. O que ainda mais veiu desorientar a policia, foi o apparecimento, no *Bois de Boulogne*, d'um collar de perolas falsas imitando perfeitamente as que foram roubadas, mas que valem apenas uns tostões.

Os mais optimistas creem no apparecimento do riquissimo collar, que ninguem poderá vender sem riscos de cahir nas mãos dos *detectives Calchas e Debisschop* pois que em toda a Europa daria nas vistas uma transacção d'esse genero, e tanto mais quanto é certo que só uma das perolas não vale menos de sessenta contos! Mas se o larapio puder alcançar a India, a China ou a America do Sul, então terá um campo largo para vender afoutamente o fructo do seu audacioso roubo.

Vamos a vêr quem ganha as dez mil librinhas.

E já que estamos com as mãos na maça, digo, nas libras... de que, infelizmente, estamos livres, e tanto mais quanto entre nós, neste historico dia 24 de julho, ellas se compram a 50280 réis, diremos que o povo inglêz deu mais uma vez um alto exemplo de patriotismo.

O *Palacio de Crystal* esteve para desaparecer, vendido em leilão, por

causa de fallência da sociedade. *Lord Plymouth* adquiriu-o provisoriamente por 230:000 libras, com a condição de o ceder ao *Lord Mayor*, que abriu uma subscrição publica para a compra do palacio.

O praso, porém, estava quasi findo e *Sir David Burnett* tinha somente 140:000 libras da subscrição da cidade de Londres, sob o alto patrocínio do rei.

Estava-se no fim de junho.

O *Lord Mayor* faz um appello ao grande jornal *The Times*, que desde a guerra da *Crimea* se mantivera alheio a toda a especie de subscrições publicas. A idéa é acceita com grande enthusiasmo occorrendo subscriptores desde um *shilling* até 30:000 libras dadas por um *private citizen*, que se havia comprometido a dar 50 % do que rendesse a subscrição. Como ella em menos de 15 dias, attingira 60:000 libras, o grande patriota, até agora anonymo, logo se promptificou a cumprir a sua palavra, que foi um estimulo.

Entre os subscriptores figura *Mr. Richard Burbidge*, director gerente da casa *Harrod's*, que deu 2:500 libras como recordação do dia feliz e instructivo que passou naquelle palacio em 1862, em Sexta Feira Santa, o primeiro dia de descanso da sua trabalhosa vida de empregado commercial, aos 14 annos de idade!

Emfim o *Crystal Palace* é hoje propriedade do Estado. Eis um bom exemplo a seguir.

O archi-millionario americano *Andrew Cornegie* que ha 60 annos começou a sua vida industrial numa fabrica de algodão, é hoje o homem mais rico do mundo, sendo ao mesmo tempo o maior philanthropo. A sua generosidade é illimitada, e manifesta-se principalmente na creação de universidades, bibliothecas, e instituições de beneficencia — em que tem dispendido a phantastica somma de libras 44.400:000, ou sejam ao par (oh! quando o teremos nós!) nada mais, nada menos que 199.800:000.000 réis! Tem espalhado centos de bibliothecas pelas cidades da *Inglaterra*, *Estados Unidos*, *Nova Zelandia*, *Tasmania* e *Indias Occidentaes*.

Agora deu elle 2:000 libras a *Dunfermline* (Escossia), sua terra natal, para diffusão de bibliothecas publicas e fornecimento de órgãos ás egrejas.

A liberalidade de *Cornegie* rivalisa com a de *John D. Rockefeller*, cujos donativos attingem 35.000:000 de libras.

*Cornegie* tem confiança na paz pela vulgarisação da sciencia e pelo culto do altruismo.

Mas a humanidade mostra-se cada vez mais bellicosa. Até no *Vaticano*, onde deve reinar harmonia perenne, agora se deu um pronunciamento, sem fogo, nem desastres, mas com certo espalhamento, proprio do logar, *A guarda suissa*, um dos quatro corpos de que se compõe a guarda pontifical, e que remonta ao tempo do *Papa Julio II*, que foi bispo de *Lausanne*, estava habituada ás paradas atraz da *sedia gestatoria*. Um joven tenente, na ausencia do commandante *Repond*, de licença, pretendeu obrigar os suissos a exercicios do verdadeiro soldado moderno com fardamento de *kaki* e tudo o mais. Houve murmurios,

protestos moderados; mostras da inutilidade d'esses exercicios. O bellicoso official era intransigente, mas os soldados seguiram a doutrina socialista e... fizeram greve. A' chamada ás armas, cruzaram os braços, e não houve rezas, nem ameaças, nem castigos que os demovessem. O capellão *Corregioni d'Orelli* intervem junto do cardeal secretario d'Estado. Este, que é severo, faz com que o joven filho de Marte peça licença e vá tomar os ares patrios.

Os soldados acalmam-se, mas... não ha alegria que sempre dure e, de repente, prohibe-se-lhes que saiam a passear pelo bairro do *Borgo*, onde, de quando em vez se alegravam com uns copinhos de bello *frascali*.

Tudo revolto, até em casa de *S. Pedro!*

E o que irá a estas horas por esse *paiz dos celestes*, pela *joven republica chinesa*, cujo presidente provisório — *Yuan Shi-Kai* — está sendo vivamente guerreado por *Tsen Chun-Hsuan*, general chefe dos revolucionarios do Sul, com governo constituído em *Nankin*. E' uma rebellião de politicos ambiciosos.

O presidente *Shi-Kai* é, di-lo o *Times*, o unico homem que no actual momento pode impedir o esphacelamento da republica chinesa, embora a sua escolha não tenha tido a approvação dos senadores, cujo unico serviço legislativo consiste na votação do subsidio de 600 libras por anno para si mesmos!...

A imprensa chinesa accusa os japonezes de fazerem causa commum com os rebeldes.

As ultimas noticias dão como proclamado o estado de sitio em *Pekim*; que os directores dos principaes jornaes, foram presos e que o presidente *Shi Kai* tem tenção de fomentar uma agitação xenophoba semelhante á dos boxers em 1900.

Dos *Balkans* nada definido; pelo contrario a confusão augmenta. A *Bulgaria* pede misericordia, perante a investida servo-grega-romania.

A *Turquia* não acceita as resoluções das conferencias de Londres, que lhe fixara a fronteira *Enos-Midia* e marcha até *Adrianopla*, *Kirk-Kilisse* e *Lule-Burgas*. O czar *Fernando* encontra-se numa situação desesperada, falando-se em que abdicou a favor do *principe Boris*. E' o chaos.

J. A. MACÉDO DE OLIVEIRA.



## Albergaria de Lisboa

A sua inauguração

Têm acusado a Republica Portuguesa de destruir as tradições deste país, procurando, sob uma outra ordem de ideias, tudo mudar e estabelecer sob novas formas, pelo menos nos nomes, para que não se recorde o passado. Não é tanto assim, e se fossemos a esmiuçar casos, muito teriamos que dizer desde as côres da nova bandeira nacional até á nova moeda com um nome secular de nossos avós. Basta por agora referirmo-nos á nova Albergaria de Lisboa, a que foi inaugurada no dia 13 deste mez, que a velha, onde vae ella, estabelecida ha 759 annos, em 1154, coetanea, por assim dizer, da fundação desta nacionalidade.

Isto só vem para justificar nossas primeiras palavras e demonstrar quão difficil é destruir

tradições de uma velha nacionalidade que enche a historia, no dilatado periodo de oito seculos.

Desta vez a instituição se não é precisamente a mesma, visto que se trata de albergar mendigos, tem pelo menos o mesmo nome, com que a rainha *D. Mafalda*, mulher de *D. Afonso Henriques*, fundou as primeiras albergarias em Portugal, que em Espanha eram denominadas, *albergueria*, em Italia, *albergo*, em França, *auberge*, na Inglaterra, *lodging*, na Alemanha, *sasthof*, etc.

A albergaria era uma obrigação que os senhores feudaes impunham a seus vassallos e rendeiros, de lhes darem pousada e alimentos, em certos dias do ano a eles e suas equipagens. Daqui nasceu a ideia de estabelecer albergarias ou hospícios para peregrinos, viajantes, pobres e enfermos, em lugares menos povoados, onde encontrassem pousada em suas jornadas e outros socorros de que precisassem.

Assim se espalharam por toda a Europa as albergarias, e chegaram a Portugal pelo seculo x e, como ficou dito, fundadas as primeiras por *D. Mafalda*, mulher de *D. Afonso I*.

Diz ainda a historia que quando *D. Mafalda* fundou, em Portugal, as albergarias, já sua mãe *D. Tereza* havia estabelecido algumas no norte do país, mas maior incremento lhe deu, ainda, sua neta, a rainha *D. Mafalda*, filha de *D. Sancho I*, cuja virtude da Caridade possuiu em tão elevado gráo, que foi canonisada Santa.

Assim principiaram em Portugal as albergarias, que se estenderam por todo o continente português, chegando até aos conventos, onde se estabeleceram pousadas e alimentação para os viajantes que disso precisassem utilizar-se, e em muitas casas de fidalgos se praticava o mesmo.

Em Lisboa, a primeira albergaria foi fundada, como ficou dito, pelo ano de 1154, por *D. Payo Delgado*, descendente de *D. Arnaldo de Bayão*, companheiro de *D. Gonçalo Mendes*, o *Lidador*, um dos que entraram na batalha de *Ourique*. Essa albergaria se denominou de *S. Bartolomeu*, por o seu fundador a estabelecer junto á igreja deste santo, e tambem do seu solar; foi largamente dotada por este fidalgo, tornando-a a mais rica e popular de Lisboa, que o povo designava o seu fundador e familia pelo nome dos da Albergaria, nome que, afinal, seu bisneto, *D. Soeiro Fernandes*, adotou, passando a assinar-se *D. Fernando Soares de Albergaria*.

E' esta, segundo as cronicas, a origem dos *Soares de Albergaria*, que se devidiram em diferentes ramos, sendo os principaes, os da *Rêde*, os de *Travanca*, de *Refojos*, de *Areias de Cambra* e os de *Paradela*.

E aqui está como as tradições resistem a todos os tempos, ainda quando, por acaso, se supõe a intenção de as apagar.

Bem podia chamar-se *Asilo* e com mais propriedade, á nova Albergaria de Lisboa, visto ser destinada a recolher mendigos, a dar-lhes alimentos e moradia, em quanto que as Albergarias só davam esses confortos transitoriamente.

Seja, porém, como fôr, de pouco valem estas caturreiras, em presença da ideia altruista com que se fundou agora a nova albergaria, pelo que muito se deve ao sr. Governador Civil de Lisboa que mais se empenhou na sua fundação, coadjuvado por alguns membros do commercio desta cidade, que poz neste empreendimento o melhor de seus esforços.

Para instalação da nova Albergaria foi escolhido o convento de *Santa Tereza*, em *Carnide*, de freiras carmelitas descalças, fundado nos annos de 1642, pela principesa *Micaela Margarida*, filha de *Rodolfo II*, imperador da Alemanha e que ali está sepultada.

A infanta *D. Maria*, filha natural de *D. João IV*, foi educada neste convento, para onde entrou de pouca idade, em 1649. Ali viveu recolhida até 1693, ano de sua morte, mas sem professor. Jaz no côro debaixo. Esta senhora mandou reedificar a igreja e o mosteiro, que alargou, dotando-o com muitas rendas para sua manutenção e enriquecendo-o com joias valiosas.

Neste convento se realisou a cerimonia, na presença da familia real e da côrte, do reconhecimento da mesma infanta *D. Maria* como filha de *D. João IV*.

*Carnide* está situado em fertes e lindos campos, 6 kilometros a N. NO. de Lisboa. Foi bem escolhido o sitio como o edificio, pois é este amplo, muito arejado e alegre.

Com algumas poucas reparações que lhe fizeram agora, principalmente limpezas, ficou uma bela casa, nas condições de asilar grande numero de pobres.

A inauguração realisou-se no dia 13 d'este mez, como atraz dissemos, com a assistencia do Chefe



NA INAUGURAÇÃO DA ALBERGARIA — SUA EX.<sup>a</sup> O PRESIDENTE DA REPUBLICA, TENDO À DIREITA OS SRs. MINISTRO DOS ESTRANGEIROS E INTERIOR E À ESQUERDA O SR. GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA, COMANDANTE DA POLICIA ALBERT MACIEIRA ACOMPANHADO PELOS MEMBROS DA DIRECÇÃO DA ALBERGARIA.

do Estado acompanhado de seu secretario, sr. Henrique de Barros, srs. ministros dos Estrangeiros e do Interior, Governador Civil de Lisboa, comandante da policia, e membros da direcção da Albergaria, srs. Alberto Macieira, dr. Alfredo da Cunha, Caetano do Rego, Justino Guedes, Francisco Barreto, Antonio Luis Ribeiro Junior e mais convidados. Os alunos da Escola Elias Garcia, com uma filarmónica de Bemfica, fizeram a guarda de honra.

O sr. dr. Manuel de Arriaga e as mais pessoas assistentes visitaram o edificio, camaratas, enfermarias, refeitório, etc., onde se encontra tudo na melhor ordem e acção.

O Sr. Presidente da Republica deu 10 escudos para serem distribuidos pelos asilados, que naquele dia estavam em numero de 40, sendo 20 homens, 9 mulheres e 11 rapazes.

Diariamente estão entrando mais e não tardará o dia em que este asilo se encha completamente, nesta Lisboa onde a mendicidade surge de todos os cantos.

Aos asilados não é permitida a ociosidade, o que é bem entendido e só os impossibilitados é que estão fóra desta regra.

O edificio por ora não tem casas de trabalho para diferentes officios. Para isto seria bom seguir o que está estabelecido no Asilo da Mendicidade de Lisboa, cuja organização é modelar. Deste asilo se occupou o OCCIDENTE em seu volume xx de 1897 a pags. 171 a 173.

A criação de mais um asilo em Lisboa para a mendicidade é um grande melhoramento publico.

C. A.



## Na Africa Portuguesa

### Provincia de Angola

#### Pungo Andongo

Quando a Rainha Jinga abandonou o povo da ilha e fugiu para o interior, acastelou-se no sitio das pedras a que ficou o nome de Pung'ua Ndongo, feitiço de Ndongo (que era irmão e inimigo da Rainha) a qual attribuiu o feitiço á descoberta das avenidas dificeis das celebres pedras, que são uma fortaleza natural, de muito difficil entrada e acção, por entender que só por magia ou feitiço poderia o irmão inimigo descobrir as avenidas para ir combater-la a favôr dos portuguezes. (Dr. Saturnino.)

Antigo presidio, mais vulgarmente conhecido pela denominação de Pedras de Pungo Andongo, foi noutro tempo a corte dos reis do Dongo. Em 1671, sendo governador e capitão general do reino de Angola e suas conquistas, Francisco de

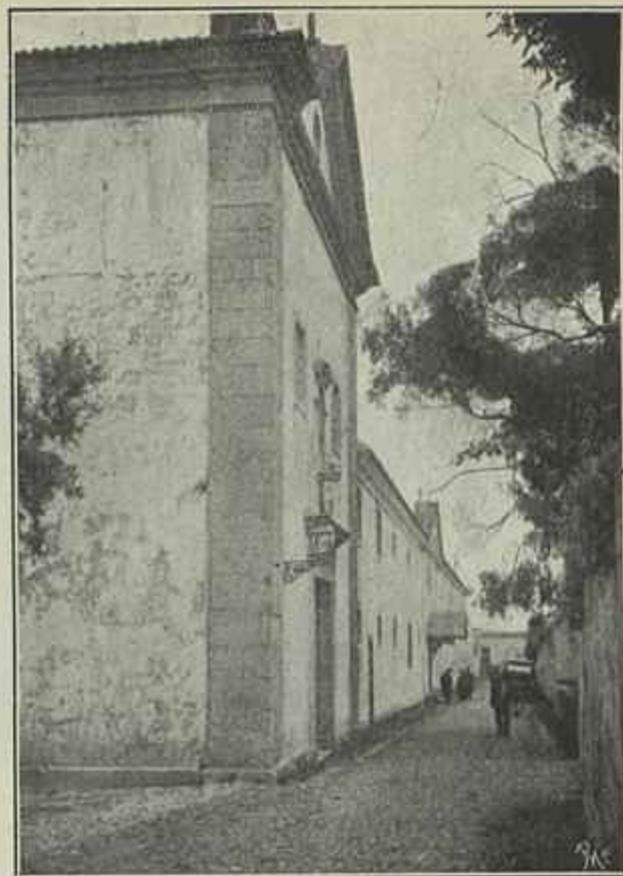
Tavora, foi conquistado ao rei D. João Hary, por Luiz Lopes de Sequeira, e desde então ficou pertencendo a Portugal. (Alfredo de Sarmiento.)

O presidio de Pungo-an-dongo era o lugar para onde geralmente se mandavam os maiores facinorosos, que raras vezes para lá iam, porque os governadores de Angola lhes faziam assentar praça no regimento de infantaria da capital, a muitos rogos daquêles mesmos individuos, que não tinham do local ideias mais exactas do que os juizes que os haviam sentenciado; porque aquêlê país é excelente, e mais saudavel do que muitas povoações da nossa Beira-Baixa. Ali não há carneiradas grandes, nem pequenas; o ar é fino, e quasi sempre fresco: a agna é pura, leve e constantemente fria: ela se despenha de enormes massas, não de pedra, como toda a gente diz, mas de terra petrificada, misturada com areia grossa e pequenas pedras siliciosas, destacada uma das quaes por meio de muitas pancadas, fica a cavidade em que se achava engastada: pôde-se dizer que é a oitava maravilha do mundo, que poucas pessoas teem sabido apreciar. O terreno produz em abundancia madióca, milho, feijão de várias qualidades, jingúba ou amendoim, de que se faz muito bom azeite, bananas, ananás, de os melhores que se conhecem, hortaliças de toda a especie, que duram em todos os tempos do ano; romans, laranjas, limas, limões, algodão, anil, nicociana, arroz, trigo, etc., etc., e é susceptivel de dar tudo quanto produzem os melhores países da Europa. Tem muita caça, principalmente lebres, e o rio Cuanza, que lhe fica próximo, abunda de bom peixe. No tempo das chuvas não aparece uma só môsca, nem um só mosquito; a carne dura dependurada, expôsta ao ar, três dias sem se corromper, e nos tempos menos humidos cinco, o que não acontece em país algum de Africa ou Asia dentro dos trópicos. Tem muita lenha, bélos arvorédos, bons pástos, etc. Abunda de gado, cuja carne é excelente. O leite contém muita parte caseosa, e os queijos feitos dêle parecem-se muito com os melhores do Alemtejo, ou da serra da Estrela. Emfim já que o nosso destino quiz que a capital daquêles estados (refere-se á Provincia de Angola) não fôsse colocada ali, ao menos seria uma fortuna poder estabelecer-se naquêlê ponto uma colónia. Esta prosperaria em pouco tempo, e os seus habitantes bemdiriam a sua sorte gosando de saúde, socego e abundancia. (Fortunato de Melo.)

Capêlo e Ivens visitaram Pungo Andongo em agosto de 1879 e escreveram o seguinte :

«Torneando com o trilho em estreitas voltas pelos extensos bósques, entrando com êle ora num riacho de fundo arenoso, ora por uma garganta entre encostas a prumo, flanqueando as serras Catenda, Cachinje, Quilulo, desembocámos para a planicie longa e desembaraçada, onde um panorama original nos aguardava.

O quadro que tinhamos sob os olhos abrangia a extensão de algumas léguas.



O CONVENTO DE SANTA TEREZA, EM CARNIDE, ONDE ESTÁ INSTALADA A ALBERGARIA DE LISBOA

Em terreno pouco alto, coberto a espaços pelos matutinos vapores, viam-se erguer grupados, sem ordem, enormes penedos de fórmãs diversas, desde a coluna até á esfêra, projectando se uns sôbre os outros, e alongando se para léste, perderem-se nos horizontes dêsse lado.

Afectando estranhas configurações, as penedias vistas de longe, pelo caminho que trilhavamos, afigura-se a um castêlo colossal, com suas ameias e torreões, obra que só a gigantes seria dado architectar.

Eram as pedras de Pungo-N'Dongo (vulgarmente conhecidas pelas Pedras Negras), onde o govêrno de Portugal estabeleceu a séde de um coucelho.

A' medida que nos aproximavamos variava o aspecto dêsses rochedos, que a diminuição da distancia fazia mais grandiosos e soberbos, por os aumentar rapidamente aos nossos olhos.

Altivos, no meio da planicie a que aludimos, parece defenderem o vasto recinto por êles cercado, dos olhares indiscretos e da vegetação que por toda a parte os rodeia, contentando-se em levar para lá frêscã agua, a qual borbulhando-lhe nos flancos, se precipita por vários regatos para os terrenos mais baixos.

Emfim, passado tempo avisinhámo-nos da entrada do noroeste, embrenhando-nos por um carreiro estreito, entre as espaldas dêsses colossos.

Da analyse que fizemos concluímos que são as penedias de Pungo N'Dongo, exclusivamente constituídas por um conglomerado duro e resistente, em que figuram schistos argilosos, de envolta com o gneiss, profiros, alguma mica e a aludida especie de bsalto, para o qual, porém, deve haver toda a reserva, pela duvida em que estamos.

Dispostas justamente sôbre a latitude de 9<sup>o</sup> 40', alongam-se êlas para léste sôb o nôme de Guingas na extensão de 25 milhas até ás pedras de Quitoche, perto do ponto de affluencia do rio Lombe.

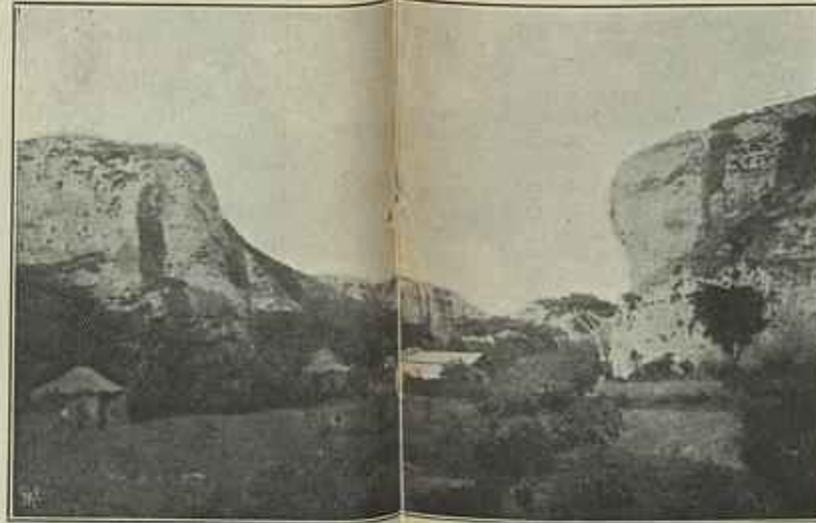
A primeira ideia suscitada a quem faz a ascensão de qualquer dos penedos (porquanto quasi todos são accessiveis) e que, reconhecendo a sua disposição, tenta explicar, pela existencia em todo o conglomerado de calhaus perfeitamente rolíços, a acção indubitavel da agua, é que outróra o leito do rio Cuanza deslizava pelas pedras, e um efeito vulcanico, elevando-as, deslocou o curso do mesmo rio umas poncas de milhas para o sul.

Uma circumstancia, que ainda veiu arreigar mais em nôsso espirito esta suspeita, foi a existencia, na rocha próxima da encosta de um dos penedos, de pégadas humanas á mistura com as

# NA AFRICA PORTUGUESA — PUNGO ANDONGO



FAMILIA DO GOVERNADOR GERAL, ESPÓSAS DO ADMINISTRADOR DA CIRCUNSCRIÇÃO E DO SR. CARLO GIOVETTI E CHEFE DO GABINETE, VENDO-SE AO LONGE AS PENEDAS DE PUNGO ANDONGO. — (Cliché do fotografo amador sr. Roberto Fonseca).



UMA DAS ENTRADAS DA VILA DO PUNGO ANDONGO  
(Cliché do fotografo amador sr. Artur Baptista)



PARTE DA VILA DE PUNGO ANDONGO, VISTA DE CIMA DE UMA DAS PEDRAS. EM CIMA DA PEDRA: O GOVERNADOR GERAL E FAMILIA, E A ESPÓSA DO ADMINISTRADOR DA CIRCUNSCRIÇÃO. — (Cliché do sr. Roberto Fonseca).

de quadrupede, certamente cão, que nós vimos e desenhámos, por serem autenticas.

Numa delas, bastante longa, reconhece-se perfeitamente, pela melhor acentuação dos dedos, que o autor, transportando-se por terreno húmido e pastoso, escorregára ao assentar o pé em terra, resultando dêsse facto o cumprimento excessivo.

Outras mais pequenas e próximas parecia ser de mulher ou de adolescente, todas bem distintas e sobre que nenhuma duvida pôde subsistir.

— Que pena, diziamos, não podermos carregar com êste pededo para a Europa.

— Que mina.

E como por muita parte se encontram em certos e pededos pégadas de feizeira, que abalando para o céu (facto de resto supinamente material, e se nos affigura uma verdadeira profanação «atirar para o céu o que pertence à terra»), no-las deixaram cá como memoria; a exemplo de Bra-

ma em Ceilão, de Maomet no Sinai (que disso encarregou o camêlo), lamentámos o caso não ter proporcionado a utilidade de semelhantes marcas, no interesse de qualquer crença, que tanto aproveitaria da sua exposição metódica e bem remunerada.

No interior, pelos espaços livres entre os rochedos enormes, acha-se construída a vila em ruas tortuosas ao capricho da disposição das terras, tendo pelos sulcos, onde se deposita o humos, laranjeiras e outras arvores de fruto, possuindo entre várias originalidades a de ter um dia menor que nas terras fóca das pedras, pois para ella rai a auróra mais tarde e anoitece mais cedo, em vista da altura desmesurada dos pededos.

Regatos deslisam pelo interior agua fria e límpida, naturalmente acumulada durante as chuvas em cavidades de rocha, e que ouvimos acui-

sar de provocadora do escorbuto, asserção que não garantimos, nem nos mereçe crédito.

Numa das viélas encontrámos perto de um cercado enorme Baobab, ao qual se ligam numerosas tradições, visto sobre elle se reunirem em outro tempo os conselhos da córte da Jinga, na época em que a celebrada rainha ali habitava.

Para o lado do oeste indicaram-nos umas ruínas, como sendo a antiga residencia do ministro portuguez José de Seabra da Silva, a quem os azares da politica atiraram, no tempo de Sebastião José de Carvalho e Melo, da amarroquinada poltrona de direita espalada para as esteiras e mabelas de uma cama de mato!

Emfim, feita a ascensão de um dos rochedos, divagámos pela vila, depois de jantar com alguns dos amigos, recebemos pela primeira vez a noticia de que o nosso companheiro Serpa Pinto chegára no principio do ano sã e salvo a Dur-

ban, e decidimos, em nosso *alto saber*, dissipar na patria os exagerados prejuizos que sobre as Pedras Negras teem os nossos compatriotas (a quem recomendamos Pungo N'Dongo como um dos pontos mais salubres da provincia) dispuzemo-nos, sem perda de tempo, a proseguir nos trabalhos, fazendo o reconhecimento ao Cu-anza.»

Em 1911 foi adoptado o regimen de Circunscrição Civil, identico ao de Moçambique, em substituição do de concelho, continuando a sede da Administração na vila de Pungo Andongo.

Esta está ligada á estação de Quizenza, na linha ferrea de Loanda-Malanje, por uma estrada carreiteira de quarenta quilometros de extensão.

Segundo observações de Capêlo e Ivena, feitas em 1870, a sua latitude é: — 5° 9,40; a sua longitude: — EG, 15,42; a sua altitude: — 1020 metros.

Atravessa a Circunscrição o rio Cuanza, a duas horas de viagem, e divide a mesma em duas partes.

A parte aqûem-Cuanza subdivide-se em 9 regiões sob a autoridade dos sóhas de Sengue, Maabala, Lungue, Lutete, Calundo dos Bondos, Bóte, Quiongua, Carima e Dombó. Nêla existem 4503 cubatas, onde vivem 10565 indigenas, que se dedicam á criação de gado e ás culturas próprias para seu sustento. Segundo o arrolamento de 1912, o número de animais existentes era: 8779 cabeças de gado bovino; 3750 de gado caprino; 1331 de lanigero; 2126 suínos; 3 cavalos, e 1060 cães.

O imposto de cubata rendeu já, no corrente

ano economico, a quantia de seis mil e quatrocentos escudos, importancia muito superior á colhrada nos últimos dois anos.

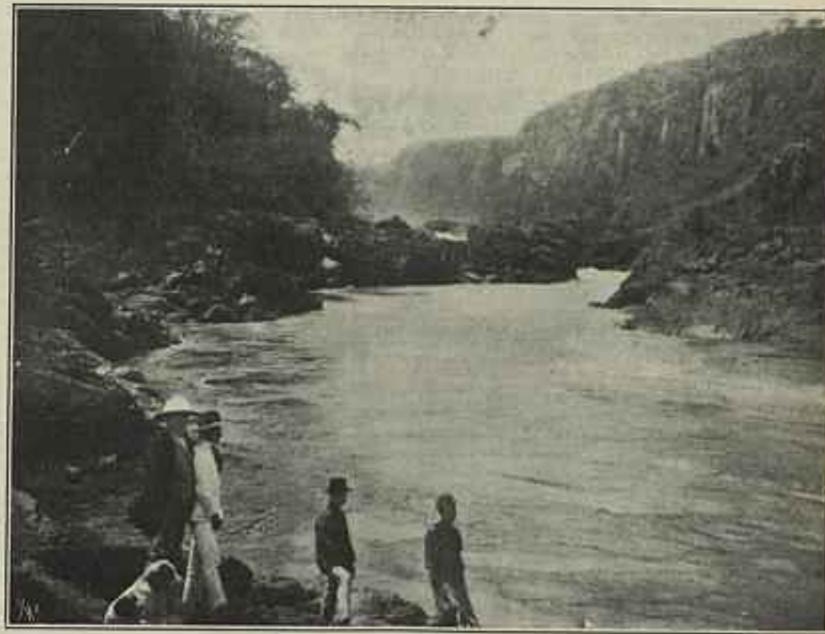
Existem duas fazendas agricolas, de Carlo Edoardo Giovetti & Comandita, no Luxilo, a três quilometros, e a de F. A. da Fonseca & Companhia, em Caôlo, a um quarto de hora, onde se encontram grandes plantações de arvores de borracha, café, frutas, hortaliças, etc., etc.

Em Quiongua, a quatro horas de distancia, dedica-se José Borges Pereira á criação de gado bovino, de que possui para cima de mil cabeças, divididas em currais e pastoreadas por indigenas, que recebem como remuneração um certo numero de cabeças, no fim de cada ano.

Na parte além-Cuanza vão ser estabelecidos três postos de policia que farão cessar o estado em que atualmente se encontra, o que trará um grande beneficio para a Circunscrição, tornan-



A PORTA DA RESIDENCIA DO AGRICULTOR SR. CARLO GIOVETTI A FAMILIA DO GOVERNADOR GERAL, ESPÓSAS DO ADMINISTRADOR DA CIRCUNSCRIÇÃO E DO SR. CARLO GIOVETTI. — (Cliché do sr. Roberto Fonseca).

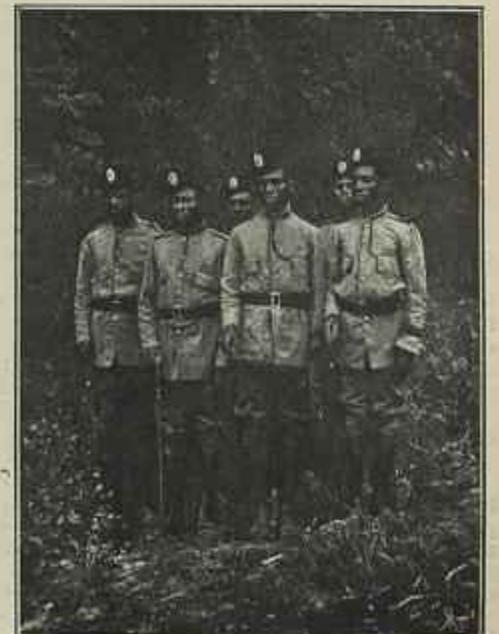


NO RIO CUANZA

(Clichés do sr. Artur Baptista)



OUTRA VISTA DO RIO CUANZA



GIPAIOS DA CIRCUNSCRIÇÃO DE PUNGO ANDONGO

(Cliché do sr. Roberto Fonseca)

do-a uma das mais importantes do distrito de Loanda.

A cêra e a borracha, que constituem os géneros únicos de exportação, são permutados pelos negociantes estabelecidos na parte aquém-Cuanza, cujas casas mais importantes pertencem ás firmas: Ferreira, Abrantes & Távira; Diogo & C.ª; Antonio de Paiva Henriques, e Manuel Velasco de Beça Teixeira.

Tambem do estabelecimento dos póstos, acima aludidos, resultará a facilitação de mão d'obra agrícola, que atualmente se apresenta escassa. A Administração de Pungo Andongo impõe, nos termos da lei de 27 de maio de 1911, a obrigação de trabalho no primeiro trimestre do corrente ano a 515 indígenas, que produziram 9.407 jornais e receberam em dinheiro 883 escudos, além das rações em genero no valôr de 330 escudos.

Brevemente será inaugurada a Escola-Oficina «Norton de Matos», que fica a cargo do professor Artúr Antonio Batista, do ajudante Filipe Ferreira de Andrade e dum mestre-carpinteiro contratado pela Camara Municipal.

A escola do Estado, no ano de 1912, teve uma frequencia média de 60 alunos. A attitude da população para com a escola é de interesse, mostrando bastante amor pela instrução.

No Quiongúa está instalada a Missão Americana, em magníficos edificios, onde existe uma escola-mixta — internato — com uma frequencia de 21 alunos e 35 alunas.

A população europeia, segundo o recenseamento de 1912, era de 22 homens, 7 mulheres e 5 crianças.

• • •

Pungo Andongo foi visitado em janeiro do corrente ano pelo actual Governador Geral, Norton de Matos, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> esposa e filha, inspector da agricultura e chefe da reparação do gabinete.

Ha mais de vinte anos que não era visitado pela autoridade superior da Provincia.

Grandes beneficios resultaram da sua visita e oxalá que ella se repita muitas vezes para bem da Provincia e da Circunscricao, que pôde e deve progredir.

Pungo Andonga, junho de 1913.

ROBERTO FONSECA.



## ROMANCE

Victor Debay

# Amiga Suprema

(Versão livre autorizada pelo auctor,  
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

III

ILLUSÕES

(Continuado do numero antecedente)

— Fique, Steinbaum, são chóros de criança, vae-se rir, não é verdade?

— Quem se ri d'uma lagrima, desconhece por completo a alma humana. N'um coração como o seu, uma dôr é d'uma alta importancia. Guardae o vosso segredo, bastar-me-ha saber que durante esses compassos o auctor chorou...

— Steinbaum, parece-me que amo... não tenho duvida alguma. Tenho a illusão que vejo o sol pela primeira vez...

— E' então por esse motivo que está triste? Não imagina, Mauricio, que alegria eu sinto por ver que a sua alma se abre á alegria do amor!

— Sou um imprudente, dou o meu amor a quem nunca me deverá amar.

— Nunca o deverá amar?! disse Steinbaum pensando em Anna Le Cozan, como soube? Fallou-lhe?

— Para que serve isso?

— Poderá estar enganado...

— Não se espera o impossivel.

— O impossivel d'hoje será a realidade de amanhã talvez.

— Olhe, Steinbaum, sinto uma viva sympathy pela menina Carbranches, mas a palavra amor é tão vasta!

— Está como uma criança que julga o seu amor tão superior aos outros amores, que o proprio nome é sublime.

— Ah! meu caro amigo, se a tivesse visto! Não é bonita mas possui o segredo da attracção, um rythmo no porte, uma linha geral que agrada immenso. Não tive a admiração, mas sim o verdadeiro entusiasmo. Ah! E' uma chimera. Ella só pensa a consagrar-se a Deus e a a sua alma já habita no silencio do claustrô.

— Algum desgosto que ás vezes mina o coração fragil da mulher...

— Não, a mortificação!

— Para se venerar Deus que nos deu a existencia se é necessario tornar-se a vida esteril em obras desnecessarias! Ah! os conventos são insultos ás leis divinas! O sofrimento é santo, diz-se e é verdade, mas não o sofrimento voluntario. E' o suicidio da alegria. Quando todas as forças vivas devem collaborar na felicidade commum, não se deve inclausurar n'uma célula o egoismo contemplativo. Deus gosta de ver os nossos sorrisos como em sua acção de graças. Quando se não tem fé na propria felicidade, poderemos ter crença na felicidade do proximo?

— Não a deve acusar, Steinbaum, emquanto os paes viverem não irá para o convento...

— E depois? A grade que separa uma creatura humana dos prazeres e das dôres dos seus semelhantes. A prisão que se chama a vida conventual. Troca de palavras e nada mais! Disse que era bonita, Fombreuse?

— Uma alma atravez d'um rosto d'anjo.

— Ella tem a beleza, que, unida á caridade, poderá tornar melhor os maus, fazendo traduzir pelo olhar o esplendor interior do amor... e tudo isto desaparecerá sob as abobadas do convento! A obra da natureza a ficar occulta aos olhos d'aquella que a creou! A intelligencia deve illuminar os humildes, a força socorrer os fracos, a beleza encher de gôzo os desherdados. Ella é um exemplo, uma emulação e uma recompensa. Modêlo de proporções não terá ella por missão perpetuar a sua forma e transmitir aos outros seres um pouco da sua graça communicando-lhes a vida? Até aqui a humanidade christianisada tem despresado muito o premio dos bens corporaes, para que deixe morrer os ultimos thesouros.

— Ah! meu caro amigo, as suas palavras são inuteis. Deverá antes deffende-la; ella é d'uma existencia muito fragil, com a sua beleza, os filhos viriam com o seu mal. A tysica levou-lhe duas das suas irmans, e este laço está sobre aquella cabeça encantadora.

— Meu pobre Mauricio, murmurou o gravador com uma voz dôce de mãe.

— O amor humano, Steinbaum, não seria entre nós senão uma fonte de mutuos desgostos. Não terá ella, afastando-se de toda a amizade terrestre, uma caridade que deseje á sua partida, deixar o menos possivel de dôr, sobre a terra?

Eu julgo que ella fallou-me com uma franqueza, como ainda não tinha feito com ninguem. Tivemos momentos de silencio que foram mais significativos que toda a linguagem humana.

— Quando torna a vê-la?

— Não sei e não penso senão n'isso. Esta peça de piano compu-la para ella e desejava que ella a ouvisse. Que heide fazer? Diga-me.

— Não tem receio de soffrer? Um desgosto torna-o robusto?

— Assim o espero.

— Então ame-a e faça toda a diligencia que ella tambem o ame. Deverá dar a essa flôr o debil gosto e o desejo da vida. Se ella morre que parta embalsamada da recordação do seu amor e louvando a Deus pelas curtas alegrias, mas sim profundas, que a terra offerece aquellas que as desejam colher e dividilas fraternalmente.

— Obrigado, Steinbaum; eu sabia que era capaz de dizer palavras confortantes para o meu coração e tambem cheias de esperanza.

Bateram á porta. Era o pequeno Karl. Vinha dizer que uma senhora acompanhada de uma creada, perguntava se o sr. Fombreuse poderia receber, e a criança entregou um cartão.

— Anna Le Cozan! Que suba, que suba. Que desejará ella?! Ainda antes d'hontem a vi!

— Deixo-vos, disse Steinbaum.

— Agora não. Ella ficará contente de vos ver; espere uns certos momentos emquanto eu vou busca-la.

Steinbaum com a lentidão de todo aquelle que está habituado a pôr em ordem pensamentos e ideias e que fez da paciencia sua norma de vida, arranjou com mais arte a colocação das cadeiras, fechou as partituras que estavam espalhadas, despejou o cinzeiro e abriu a janella para sahir o fumo. Sentando-se em seguida pensou na confidencia de Fombreuse e na presente visita de Anna; e pelo seu espirito passou tudo quanto notára do amor da cantora por Fombreuse. Isto contrariava o, pois sonhava sempre na felicidade dos outros. A alegria d'um seria pois correlativa do soffrimento do outro? A dôr moral apparecia-lhe de improvisto, apesar das intenções, enganando as previsões, exilando o sorriso ao unico aspecto do seu rosto palido. A duvida minava-o no seu coração de amigo. Mas a sua fé na vida fecunda o reprimia.

Anna Le Cozan entrou seguida de Fombreuse e de Maria José que ficou na rectaguarda.

— Sr. Steinbaum, que alegria sinto de o encontrar aqui.

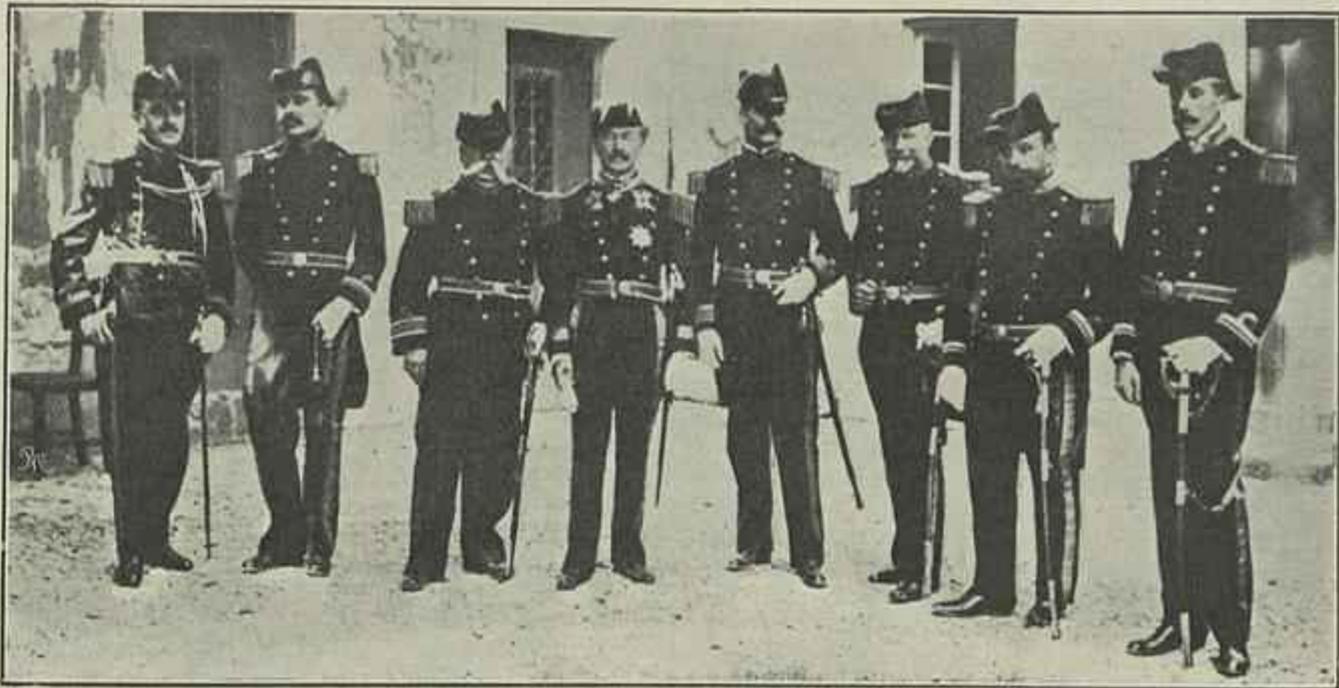
Ella examinava a sala com infinita curiosidade não lhe escapando o menor detalhe. Já ha muito tempo tinha curiosidade em conhecer a casa do compositor. N'aquella analyse rapida o seu coração ficava ligado ao menor objecto, pois tudo lhe fallava d'elle. Ah! coração de mulher!

— E' aqui que o sr. trabalha?

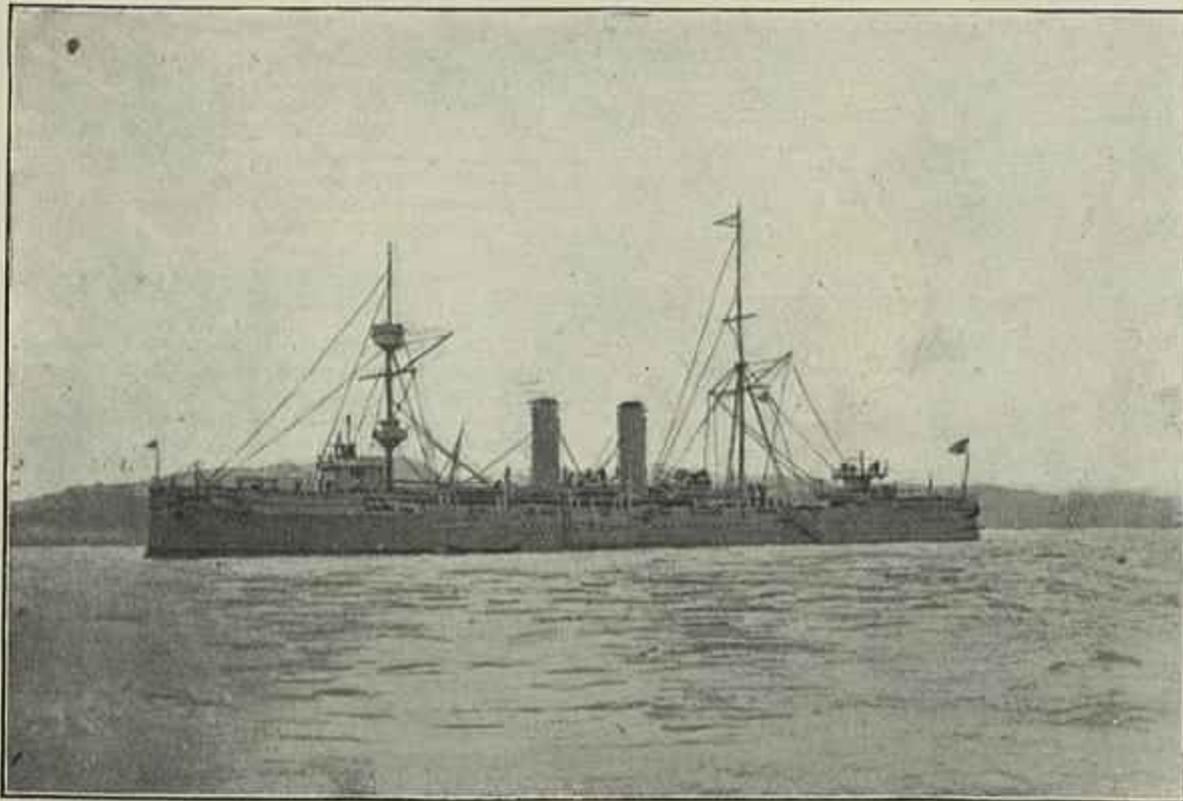
— Sim, minha senhora. A minha inspiração tem necessidade da solidão. Estou tambem rodeado de objectos para mim muito familiares os quaes me dão uma personalidade poetica.

Efectivamente aquella casa era para

# A Divisão Naval Portuguesa de Instrução e Manobras



AO CENTRO O CONTRA-ALMIRANTE SR. MARQUES DA COSTA COMANDANTE EM CHEFE DA DIVISÃO, CAPITÃO DE FRAGATA SR. SILVEIRA MORENO, CHEFE DO ESTADO MAIOR, CAPITÃO TENENTE SR. PAIVA CURADO, DELEGADO DA COMISSÃO DE ESTUDOS, 2.<sup>o</sup> TENENTE SR. JAYME ÁTHIAS, AJUDANTE DO COMANDANTE EM CHEFE, E OS COMANDANTES E IMEDIATOS DOS CRUZADORES «VASCO DA GAMA» E «S. GABRIEL», SRs. LADISLAU PARREIRA, CAPITÃO DE MAR E GUERRA, CASTRO MOREIRA, CAPITÃO TENENTE, JOSE CARLOS DA MAIA E MENDES CABEÇADAS, CAPITÃES TENENTES.



CRUZADOR COURAÇADO «ALMIRANTE REIS» NAVIO CHEFE DA DIVISÃO

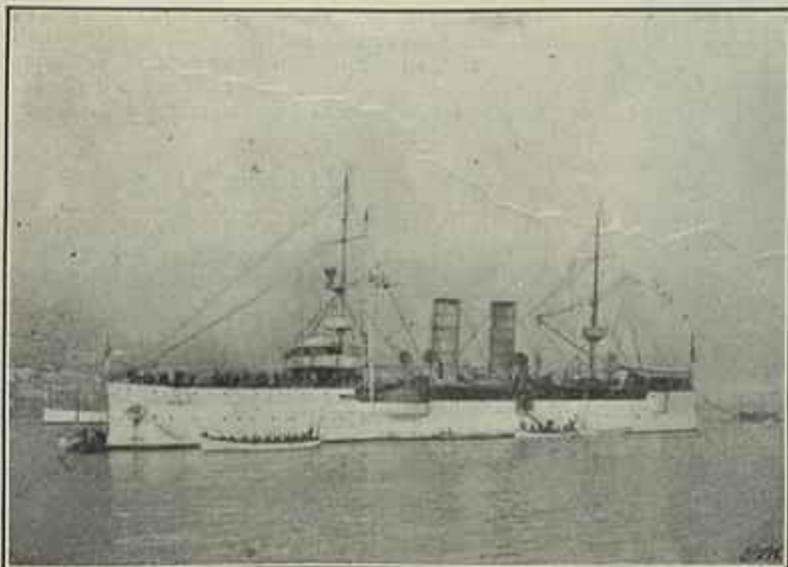
Saiu para o mar no dia 20 do corrente a divisão naval portuguesa de instrução e manobras, composta dos cruzadores couraçados *Almirante Reis*, *Vasco da Gama* e cruzador *S. Gabriel*, sob o comando em chefe do sr. contra-almirante Marques da Costa.

Os exercícios a executar este ano, cujo programa foi organizado pela comissão permanente de estudos do serviço do estado-maior, são mais complexos do que os anteriores. Assim haverá exercícios de tiro ao alvo e de combate com bala e granadas, indicando o programa as polvoras, projeteis e artificios que devem ser empregados; lançamento de torpedos; exercícios de postos de combate e de incendio; de salvamento de naufragos e de abandono de navio, empregando-se para este fim as embarcações de outros navios que irão buscar os naufragos do navio que o almirante designar para o efeito; exercícios de meter carvão no alto mar, com o proprio pessoal etc.

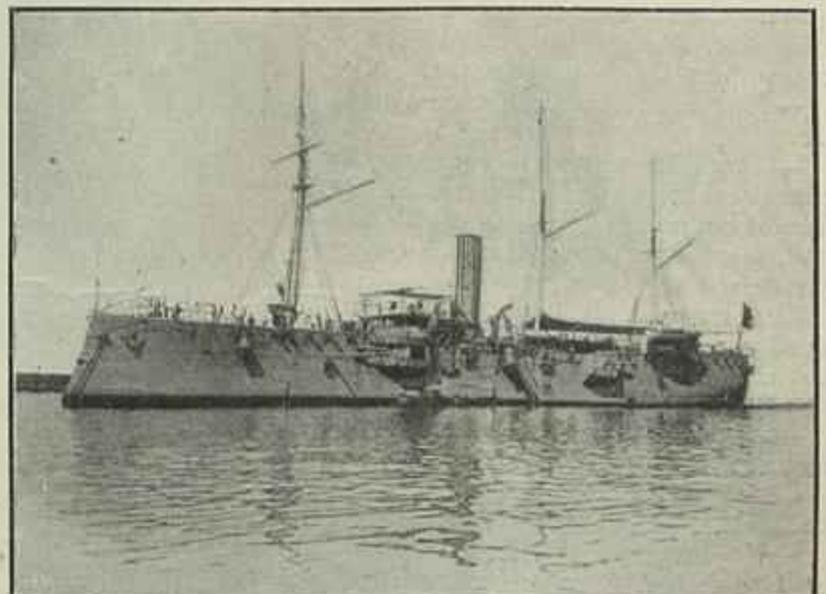
Estas manobras devem durar uns três mezes indo juntar-se-lhes, em setembro, três torpedeiros, incluindo o *Douro*, que só para esse tempo estará pronto.

A divisão realizará as suas manobras nas costas O. e S. do continente, Madeira e Açores.

Por telegramas recebidos, no ministério da marinha, sabe-se que os exercícios tem corrido perfeitamente.



CRUZADOR COURAÇADO «VASCO DA GAMA»



CRUZADOR «S. GABRIEL»

elle como um templo, cheia de simplicidade e de encanto, era allí que trabalhava longe do mundo real dando assim azo para que a sua alma voasse pelas regiões da inspiração.

Steinbaum estava triste e assim Anna ficou surprehendida com a sua physionomia.

— Que deseja de mim? grande artista e illustre cantora?

— Uma coisa muito simples. A sr.<sup>a</sup> Rudennis deseja fazer executar este verão o *Orfeo* de Glück no seu castello de Feunteungoat — na Bretanha. A audição será com um publico escolhido, perante artistas. Ella escolheu-me para fazer o papel principal, bem sabem que sempre detestei o theatro, obedecendo a considerações de familia e a escrúpulos de consciencia. Mas Rudennis pediu-me tanto que disse que sim. Não é bem representar no theatro, festa em familia, nada mais... não é a sua opinião?!

— Responderei apenas, disse Fombreuse, o que disse ha dias ao general: «Tem uma alma de tragica.»

— E o sr. Steinbaum? Uma rapariga honesta terá inconveniente em entrar n'uma recita d'esta natureza?

— Sr.<sup>a</sup> Cozan, na época que estamos atravessando em que tantas mulheres, pelo simples prazer da cabotinagem, chegam a mostrar os seus talentos em *maillot* cõr de rosa, ficaria feliz de ver uma mulher de talento na pósse da sua arte interessar-se por uma bella obra. Quanto á dignidade da mulher, indicarlhe-hei admiraveis cantoras que foram a honra de theatros. Por exemplo a Schreder-Devrient que foi uma gloria. A inveja e a intriga rodearam-na, mas a calumnia nunca lhe tocou! A obra de Wagner fez revelar o seu grande talento.

— O theatro nunca foi condemnado por mim, comprehendendo o seu fim elevado; mas sou escrava das convenções e das promessas. Sinto-me feliz por esta tentativa, pois desejo experimentar o meu temperamento.

— Não deverá por em duvida, disse Fombreuse. Que bella interprete será! Como escreveria eu um drama para si! Das cantoras apenas sinto a sua voz!

— Verdadeiramente? disse ella num tom de voz demais acariciador. Mas falíamos só de mim, e não é disso que se trata. Nós temos uma pequena orchestra, os côros serão cantados por dois quartetos de vozes. Lescourias será seu ensaiador. A condessa pensou em Fombreuse para dirigir a orchestra.

— Mas nunca fui um chefe d'orchestra.

— Precisamos apenas d'um artista como vós. Está combinado não é assim? Temos em prespectiva uma região de sonho, o estudo d'uma bella obra e o prazer de me ser agradável.

Ella corou, um sorriso fez mover os seus labios, enquanto Steinbaum via nos olhos da artista um veio de anciedade esperando a resposta de Fombreuse.

— Aceito, mas simplesmente por seu respeito.

Cada palavra tinha illuminado o olhar de Anna.

— No entanto estou segura da ida do sr. Steinbaum. Continuo na minha missão. A condessa de Rudennis deseja ouvir uns conselhos d'um homem intelli-

gente para se fazer um scenario rigoroso. Um architecto propoz a demolição d'uma parte do castello. Pensei que o sr. poderia ser a pessoa de gosto a dar os ditos conselhos.

— Sr.<sup>a</sup> Anna, agradeço-lhe o interesse que tem por mim. Mas a minha incompetencia obriga-me a recusar.

— Sr. Fombreuse veja se o seu amigo aceita...

— A mim não me vae dizer que não. Quem poderá encarregar-se do scenario do *Orfeo*? Poderá fazer uma obra d'arte, não tem consciencia d'isso?

— A minha consciencia diz o contrario, abandonei ha tanto tempo o pincel! desde a minha sahida de Munich!

— O sr. tem carta branca, poder-se-ha rodear dos operarios que entender.

— E' uma tentação... não sei francamente...

— Diz que sim, não é verdade? Vá ter com a condessa de Rudennis para combinar quanto antes a sua partida para a Bretanha.

— Não posso deixar Lisbeth sosinha com Franz e Karl.

— Não estou eu ao pé d'ella? disse Fombreuse.

— Nunca a deixei depois que ella cahiu.

— Ella será a primeira a dar-vos razão.

Fombreuse, muito contente, sahio indobater na porta da casa do gravador. Foi Karl que abriu a porta.

(Continúa.)

## Victor Debay

Este illustre escriptor francez, o glorioso auctor de tantas obras e do notavel romance *Amiga Suprema* que estamos publicando, é tambem um reputado critico d'arte, os seus artigos nas columnas da revista *Courrier Musical* são res-



VICTOR DEBAY

(Cliché Rancolé, de Paris)

peitados pela sua rara imparcialidade. O seu romance *Amiga Suprema* todo bafejado de amor artistico elevou Victor Debay a um dos melhores actuaes romancistas francezes. A nossa revista publicando hoje o seu retrato presta homenagem ao seu grande talento.

## Parques e jardins de Lisboa

### Arboretos

#### I.

Traz deleite ao espirito, tratar, em frase simples, do que sejam parques e jardins como ornamento e beneficio, onde a civilização explende e se deixa envolver em vistosos e efemeros ouropeis.

Interesante no seu conjuncto, estranha e singular nos pormenores, assim este quadro muito prende a atenção dos que sabem ver n'um sentimento mais vivo, e ainda eloquente pelas aspirações; que, por outro modo, tantissimas recordações aviva n'este nosso meio que, dia a dia, menos se aparta das grandes florações que o mundo enfeitam, e as quaes tão nossas são na tela, tambem panoramica, da Historia.

Ferindo, breve e ligeiro, este assunto, versa-se tambem uma alta questão social. De maior importancia, pois, ele se capitula. Nem d'outro modo o verá o lucido critico que atende á variedade das suas relações, ou com a propria Historia nossa — e quando se espalharam pelo mundo vozes da raça latina — ou toque a evolução dos nossos usos e costumes, e tacteei as aspirações do progresso, caso se vinquem educativamente; ou ainda melhor tudo apure com as lições da sciencia já entrelaçadas, na sua applicação, á vida social e economica nas suas modalidades contemporaneas, mais primorosas e mais complexas.

Seja, muito embora, breve o trecho que — n'ele — com as elegancias de frase que, acaso, o esmaltem, toda a descripção só deixará de ser banal quando, em suas harmonias, venha concertada com o que dita e ensina a geografia humana.

Vive se socialmente. Nas formações que tal estabelecem, influem o clima e o solo. Assim, outro tanto succede para que se depare frondosa e amiga a arvore que a outra se entrelaça, e florifero e oloroso se ofereça o rincão a que se prendem os lares, e onde, ainda, ou modestos ou mais altivos, os monumentos falam expressivos, e despertam evocações maiores, quando, pela Arte, se sublimam.

Que ainda importa ler a proposito do assunto, o seguinte conceito de E. Guinier na sua propaganda sobre parques e jardins:

— «A' nossa época de democracia compete multiplicar os parques e jardins, dando assim ao povo partilha n'este gozo que, muito mais do que um luxo, representa a satisfação d'uma necessidade.»

Para a geografia humana, Lisboa assinala se singularmente. E, se mais alta na tela dos grandes acontecimentos historicos, sobretudo e sempre pela sua situação e estrutura, pelo que se descortina já no horizonte dos seus destinos e como prenuncio da sua maior prosperidade.

Qual ora se estampa, a cidade do Tejo rompe, sob o seu luminoso céu, dominadora. Nas caprichosas ondulações por onde se alcandora, d'ahi se debruça, em seus varios meneios, graciosa e louçan, sobre o majestoso estuario. Mas, se tantos louvores lhe teem aclamado a beleza, não seja agora a vaidade, que tal cortejo insufla, que lhe segrede que, para ela, não ha confronto!

Antes se esmere por sustentá lo, adereçando-se expressivamente, e mais senhora de si do que rendida ás imitações que mal se condicionam com os seus gestos naturaes.

Com a variedade das suas facetas, e, tantas d'elas, ainda não lapidadas, Lisboa é o diadema, belo e formoso, com que se exorna o Tejo, que foi para Garrett inspiração:

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?  
onde a que mares?...»

Lisboa! a rútila estrofe a que as suas múrmuras aguas imprimem singular e mais alto ritmo, que longe sóa e nunca se perde!

Aguas do Tejo!  
Por elas, Lisboa — rainha do Oceano — se enlaça estreitamente a uma grandiosa epopéa — que, nenhuma outra soou nunca mais alta, e tanta opulencia lhe trouxe, tanta fama e renome, logo incitando maiores cobiças em desvairadas gentes!

— E, tu, nobre Lisboa, que no mundo,  
Facilmente das outras és princeza,  
.....  
Tu, a quem obedece o mar profundo...

Pelo seu vasto horizonte, correm brisas que a higienizam. Por ali se desenrola, cada vez mais vasto, o seu panorama que se tingiu multicolor e mais fulgurante. Por onde, tantos trechos a mostram mais garrida e florente, e outros, em seus tons citadinos e architectonicos, suntuosa e nobre.

Assim, Lisboa empolga as vistas, tece enleios a quem de longe, ou do seu estuario amplissimo a defronta curiosamente, e segue o seu desenho e relevo preso ao colorido e brilho que as alvoradas da primavera accentuam, as calmosas tardes do estio, a que a brisa traz caricias, imprimem novo esplendor, e os insolados dias do inverno mantem n'uma expressão sorridente.

Cêdo se enfeitou Lisboa no seu manto a desdobrar-se airosa pelas encostas, ali decorando-se com as franças do arvoredado em que fala o symbolo da paz e da sciencia, as da arvore da Minerva pagã, e d'est'arte vincando a feição do clima benigno e as aptidões do solo feraz. D'envolta surgiam os pampanos do thyrsos alindando esse manto, em cuja fimbria de tantas voltas, a marcheta das culturas ia atapetando os vales n'elles re florindo os pomares, cornucopia de fructos mimosos de côr, gratos ao olfacto, saborosos nos succos.

Tal a cintura verdejante com que mais se esmaltava o panorama da Lisboa, arabe, romana, e christan e o qual era mais de ver do alto dos seus

oiteiros e miradoiros, do que não se abraçava percorrendo aguas do Tejo, adentro do seu estuario, por onde esvoaçava a signa dos conquistadores que a submetteram ao seu esforço e dos quaes a herdámos.

N'uma fluctuação crescente, modificam-se as aspectos d'esse manto. D'outro modo se revela o estampa a sua opulencia, quando, ella, mais alte no seu vulto, novos cambiantes insere na sua fisionomia. O seu colorido esmeraldino contorna-se com mais copiosos perfis citadinos. Outros tons rompem na crista dos seus oiteiros, ou ainda em varios recantos. Ah! ondeam, copiosas, as frondes das palmeiras que vem pululando na extensa variedade dos seus typos. E aqui, e além, elevam-se, na singularidade do seu porte pyramidal e esbelto, as araucarias verticiladas, agradecendo ao clima os seus afagos.

E' assim que, ao longe, na linha sinuosa e vivamente illuminada d'aquelas cristas vae a seiva cantando o hino da vida, na expansão maior de copas mais enfolhadas, e em inumeros e breves maciços. E' ainda assim que Lisboa logra que na sua atmosfera se difundam as exsudações balsamicas do pinheiro benefico!

Côam-se os ventos da tarde, ainda bem não desmaia o sol no seu ocaso, por entre a ramaria e ao agita la, n'um movimento sadio, vão desferrindo o côro que em suas harmonias sobe sempre mais alto. E na gamma do progresso, logo se

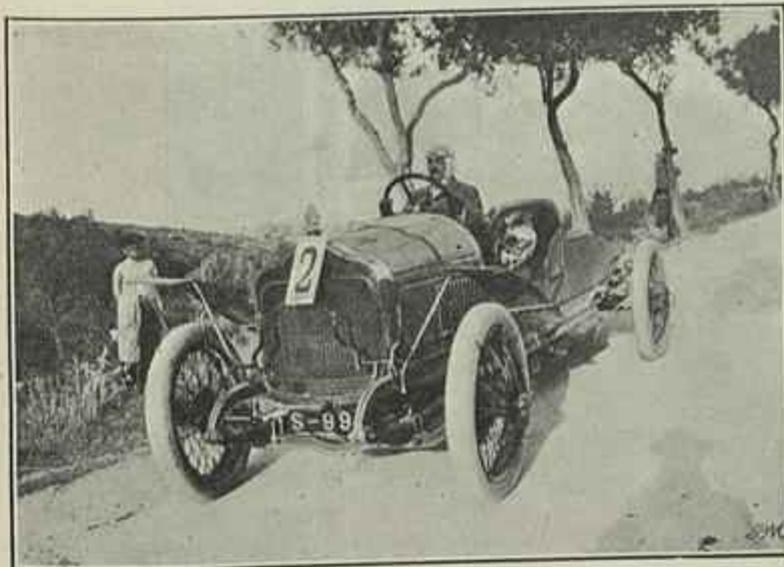
enlaçam as generosidades vegetativas ás funções esteticas que espontaneas se oferecem para inspiração da Arte. N'esse enlace colheu ella lição para traçar os mais grandiosos monumentos na sua poesia e expressão historica. Transunto da que os grandes trechos florestaes desenharam, soberbos e imponentes na sua pujança, é essa linha ogival e são as laçarias em que se desenvolve, e tudo se eleva como que arrancado da columna magestosa e florida sobre a qual descançam — estipe que esta lembra n'um abraço de lianas; frondes ondeantes de palmeiras; entrelaçamento robusto de altos fustes de olmo, no marmore d'esses monumentos os fixou a Arte altissima nos seus vôos, e inspirada na maravilha e nas harmonias do quadro da Natureza, engalanada e brilhante nos attributos d'uma vegetação opulenta e cariciosa.

Querem-na tambem, e reclamam os seus benéficos as cidades que se modernizam, e vêem n'esta decoração estetica garantia de saúde, n'uma graciosa estampa com que se afirmam vivamente civilizadas.

Como fala, n'este sentido, Lisboa, — aclamada *princeza entre as cidades do mundo*, n'aquellas sonoras vozes; e, por Herculano e Castilho — *rainha do Oceano* e digno carbunculo da corôa que Portugal é para a Europa?

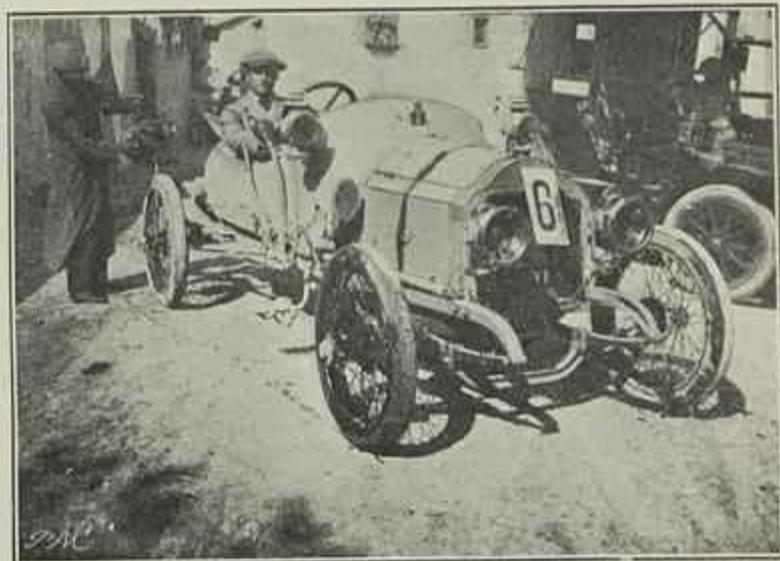
F. JULIO BORGES.

## Uma corrida de automoveis, na Pimenteira



JOÃO DOTTI JUNIOR, VENCEDOR DO 1.º PREMIO DE CATEGORIA GERAL, DA CORRIDA DE RAMPA

Realisou-se no dia 19 do corrente uma interessante corrida de automoveis, organizada por alguns automobilistas e em que tomaram parte só *volantes* amadores. As corridas fizeram-se na estrada da Pimenteira, partindo da Cruz da Oliveira até proximo da Buraca, na extensão de 1:500 metros, em caminho bastante sinuoso.



JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS, VENCEDOR DO 2.º PREMIO DA CORRIDA DE RAMPA

Inscreveram-se 12 automoveis, mas só correram 8, o que foi presenciado por grande numero de espectadores, e pelo jury, composto dos srs. Vasco Calixto, Armando Soares Franco, Abreu Loureiro, José de Figueiredo, Rodrigo Peixoto, Jorge Burnay e João Anjos.

## O MEZ METEOROLOGICO

Junho de 1913

**Barometro** — Max. altura 768<sup>mm</sup>.2 em 6.  
Min. altura 758<sup>mm</sup>.8 em 22.  
**Termometro** — Max. altura 36<sup>°</sup>.7 em 28.  
Min. altura 12<sup>°</sup>.2 em 6.

Foi dos mezes de junho mais quentes de que se tem conhecimento. Desde o dia 21, e até ao fim do mez com exclusão do dia 24, o thermometro excedeu 30<sup>°</sup>. E' raro, em junho, a temperatura atingir 35<sup>°</sup>. Desde 1856, os anos em que tem succedido esse fenomeno, foram:

|              |                    |              |                    |
|--------------|--------------------|--------------|--------------------|
| Em 1856..... | 35 <sup>°</sup> .1 | Em 1897..... | 37 <sup>°</sup> .5 |
| » 1858.....  | 36 <sup>°</sup> .1 | » 1910.....  | 37 <sup>°</sup> .3 |
| » 1895.....  | 35 <sup>°</sup> .0 | » 1913.....  | 36 <sup>°</sup> .7 |

**Temperatura media extrema** — 30<sup>°</sup>.3 e 14<sup>°</sup>.4.  
**Chuva** — 6.5<sup>mm</sup> em 2 dias.  
**Nebulosidade** — Ceu limpo ou pouco nublado 22 dias.  
» Ceu nublado 8 dias.  
**Horas de sol** — 381 horas e 1 minuto.  
**Trovões** — Em 17.



**Revista da Universidade de Coimbra.** — Desta conceituadissima publicação trimestral saiu a lume o n.º 1 do vol. II que recebemos e agradecemos.

A colaboração é sempre escrupulosamente cuidada. O assunto é sempre de magno e momentoso interesse.

Recortamos do numero recebido o sumario que, melhor do que nós, poderá dizer da sua importancia:

Maximiano Neves: *Dionisio Daza Chacon.* — Alves dos Santos: *Psicologia e pedologia.* — Nogueira Lobo: *Sobre a aglutinabilidade das bacterias.* — A. Aurelio da Costa Ferreira: *A Galiza e as provincias portuguezas do Minho e Trás-os-Montes.* — Lopo de Carvalho: *Diatomáceas da Guarda.* — Luciano Pereira da Silva: *A astronomia dos Lusitadas.* — Antonio de Vasconcelos: *Brás Garcia de Mascarenhas.* — Marques dos Santos: *Rotura longitudinal da faxa*

*intercalar.* — Sousa Viterbo: *Santa Isabel e a poesia (Inédito).* — Luciano Pereira da Silva: *Os dois Doutores Pedro Nunes.* — Antonio de Vasconcelos: *Um documento precioso, Miscelanea.*

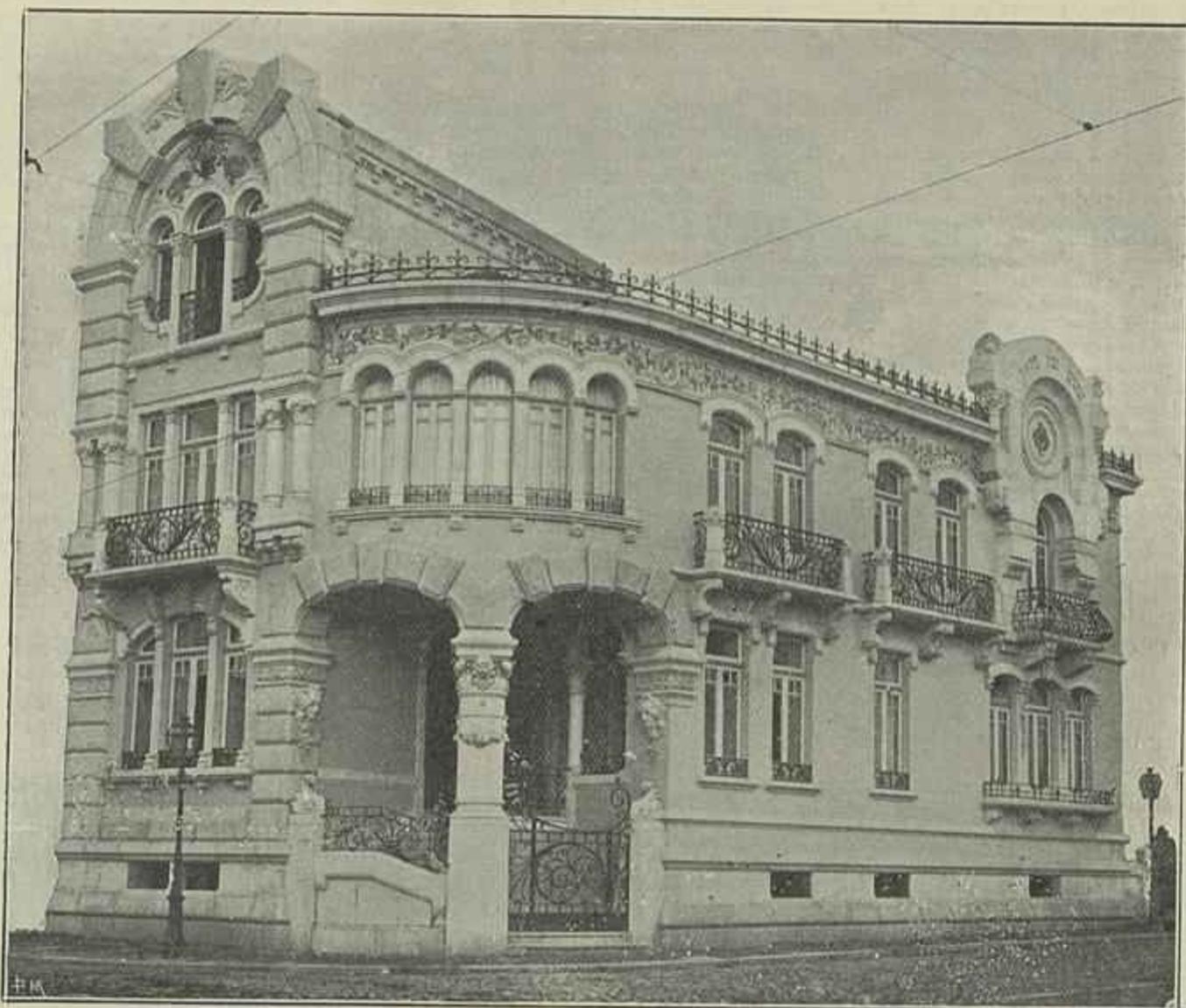
**A Imprensa Nacional de Lisboa.** — Apontamentos e subsidios para a sua historia — 1786-1912 — por José Vitorino Ribeiro.

E' uma memoria premiada, em primeiro lugar, no concurso aberto em 27 de junho de 1912, na Imprensa Nacional, por ocasião dos festejos do 2.º aniversario da Republica Portuguesa.

Como consta do parecer do jury, formado pelos srs. Julio Dantas, Luis Derouet e José Antonio dias Coelho, distingue se, na verdade, este belo trabalho por uma critica justa e expressão adequada, concisa e elegante, duma parte documental, em todos os sentidos, sufficiente. Seriam superfluos e fóra de momento, os parabens que daqui endereçassemos. Limitamo-nos a agradecer a valiosa oferta.

**Memorias de Adão e Eva** e alguns contos humoristicos por Mark Twain. — Tradução de Camara Lima. — Livraria Portuense de Lopes & C. Succesôr — Editor.

Muitos destes graciosos contos que este pequeno volume encerra, já nós conheciamos. Em



CASA DO SR. NUNO DE OLIVEIRA, NA PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, ARQUITETO SR. NORTE JUNIOR, QUE TEVE MENSÃO HONROSA DO PREMIO VALMÔR

Lisboa vai povoando-se de lindas casas, cujos autores disputam primazias de arquitetura que muito concorrem para embelesar a cidade.

Está nestes casos a casa mandada construir pelo sr. Nuno de Oliveira, sendo autor do projeto o arquiteto sr. Norte Junior, bem conhecido já por outras obras importantes, e dirigida a construção pelo habil construtor sr. Antonio Pedrosa.

A casa do sr. Nuno de Oliveira é não só bela na sua aparência exterior, como nas decorações internas em que trabalharam os srs. Claudio Martins, conceituado pintor vidreiro, Gabriel Constante, apreciado pintor decorador, Peres Móra, habil entalhador e Vicente Joaquim Esteves, um distinto artífice de serralharia. A esta casa, foi conferida pelo respetivo jury, do premio Valmôr a menção honrosa.

tanto, não resistimos á tentação de mais uma vez os saborear. As — *Memorias de Adão e Eva* — são irresistíveis de graça, orientados sempre por um pachorrento e filosofico bom-humôr. A apresentação do nome do autor — Mark Twain — basta para avaliar do merito da obra.

A tradução de Camara Lima está diligentemente feita.

O Livro de Beatriz. — *Biblioteca Infantil*. — Guimarães & C.ª — Editores — Lisboa.

Enviou nos o nosso estimado colaboradôr, Henrique Marques Junior, este delicioso livrinho, des-

tinado á infancia, constituído de contos leves que escolheu em autôres diversos e coligiu. O livro é uma tradução. A tradução — é de justiça dizer-se — apresenta-se carinhosamente cuidada. Agradecemos.

Os Judeus. — *Drama versificado, em tres actos*. — *Epoca de D. João III.* — por Sanches de Frias da Academia de Sciencias de Portugal; da Sociedade Academica de Historia Internacional, de Paris; do Conselho Heraldico, da França; da Scuola Dantesca, de Napoles; do Quadro de Honra da Sociedade de Geografia, de Lisboa e

de outras corporações scientificas e literarias. Deposito, Parceria Antonio Maria Pereira, Livraria Editora, Lisboa. Um volume com 16 paginas de Preambulo e mais 103 do drama, de uma noticia anedotica da actriz Manuela Lucci de Oliveira á memoria da qual o autor dedica o seu livro.

*Os Judeus*, é um desses dramas sensacionais dos amores de um christão com uma judia, em que figura a Inquisição. O tempo destas peças passou, o que não impede que a obra do sr. Sanches de Frias, que muito estimamos como antigo colaborador desta revista, seja muito apreciavel.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1:500 réis**



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca  
Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percallina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os anos, eguaes na cor para colecções.

Capa 800 réis  
Capa e encadernação 1\$200

## PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescência de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.